

INFORMAÇÕES

Peregrinação à Sr.ª do

Minho: Realiza-se neste domingo, dia 6 de Julho, em cortejo automóvel, com saída da Sé de Viana do Castelo às 14 h., a Peregrinação Diocesana à Sr.ª da Conceição do Minho. Percurso: Meadela, S.ta Marta de Portuzelo, Perre, Outeiro, Orbacém, Amonde, Montaria, Serra d'Arga. A chegada está prevista para as 15 h., seguindo-se a Concelebração Eucarística presidida pelo nosso Bispo, D. José Pedreira, na qual será feita a Dedicção do novo templo. Participe!

Conversas com Deus: Neste domingo, dia 6, às 21 h., no Seminário Diocesano, haverá mas uma "Conversa com Deus", promovida pelo Secretariado Diocesano da Pastoral Vocacional.

Assembleia Diocesana de Catequistas:

Será no próximo domingo, dia 13, das 9,30 às 17 horas, em Vila Nova de Cerveira, nas Instalações da Bienal, subordinada ao tema "Que Catequese para a Família de Hoje?". O pároco apela à participação de todos os Catequistas, podendo participar também as suas famílias e amigos. Não esqueçam de levar farnel para o almoço.

Ofertório mensal para Igreja nova: No próximo domingo, sendo o 2.º do mês, o Ofertório das Eucaristias Dominicais reverte na sua totalidade para a construção da nova Igreja e Centro Paroquial. Seja generoso(a)!

Donativos para a Nova Igreja e Centro Paroquial:

Foram entregues esta semana os seguintes donativos para a construção da nova Igreja e Centro Paroquial: Ana Rodrigues de Sousa Lima – 20 € (mensal); Luís Alexandre de Sá Ribeiro – 10 € (mensal); Margarida de Jesus Sousa Lima – 30 € (mensal); Pe. Manuel José Torres Lima – 250 € (mensal, referente à renúncia à mensalidade como pároco); Rosa Araújo Gomes – 20 €. Bem hajam!

MISSAS

Dia	Hora	Intenções
7	Seg	18,30 Pais e irmãos da família Mendes Gomes e Sogros; José Rodrigues e filhos, Acúrio de Brito e esposa; Sebastião de Passos Barroso e esposa; Teresa da Silva e Fernando Pereira; Valdemar Crisóstomo do Souto; Rosalina Dias Mota (aniv.)
8	Ter	18,30 José do Rosário, José Mendes e João Paulo; Luís da Rocha e Maria José Silva; Mário Alves Cadilha e Virgínia da Lomba Cadilha; Isabel Lomba Ferraz
9	Qua	18,30 Manuel José Araújo Gomes; Defensor e família; Francisco da Silva e Maria José Araújo; Aurora Cerqueira; Maria Adelina Pires Franco e João Varajão; Luís Enes da Costa Jácome e José Pedro Rua da Costa; Maria da Conceição e José Leite
10	Qui	18,30 Adelaide Rodrigues da Costa e Agostinho Rodrigues de Sousa; Marina Alexandra Caldeira Pedra e João Nunes Pedra; Maria da Silva Ribeiro
11	Sex	18,30 Domingos Jesus da Silva; João José Dias Maciel; Teresa Freitas Dias e família
12	Sáb	18,30 José Bastos; Luís Miranda e familiares; Rui Manuel Pereira da Silva e Eduardo Peres da Silva; Carolina de Miranda e João Mesquita; Laura Alves; Manuel Afonso Fernandes Mina (30.º dia)
13	Dom	10 Ana Magalhães e família; António Matos, esposa e filhos; Luís Gonçalves Vieira

PARÓQUIA VIVA

N.º 380 – 06/07/2008

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



14.º Domingo do Tempo Comum - Ano A



almas".» (Evangelho)

«Jesus exclamou: "Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. ... Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas

Paulo de Tarso

Na abertura do Ano Paulino, um olhar sobre uma figura fundamental para a afirmação do Cristianismo

(Continuação)

De 53 a 58, Paulo volta a percorrer a Galácia, a Frígia, a Macedónia e a Grécia (cf. Act 18,23 - 21,26), numa viagem que não é tanto de criação de novas comunidades, mas que é, sobretudo, de confirmação na fé e de consolidação das Igrejas já existentes. Éfeso tornar-se-á, durante este período, a "base de acção" de Paulo.

Ao olharmos para o mapa físico das viagens missionárias de Paulo ficamos, naturalmente, impressionados pela imensidão dos espaços percorridos, numa época e num contexto em que as deslocções não tinham a facilidade, a comodidade e a tranquilidade que os viajantes do nosso tempo encontram e conhecem.

Paulo percorreu, ao serviço do Evangelho, muitos milhares de quilómetros (há quem fale em cerca de 20 000 km), em viagens longas, incómodas e arriscadas...

No entanto, para além da frieza dos números que nos são dados pelos mapas, no que diz respeito a distâncias percorridas, somos naturalmente levados a pensar num "caminho" muito mais complexo, marcado por fadigas sem conta, sofrimentos indizíveis e riscos de toda a espécie. Na segunda carta aos Coríntios (cf. 2 Cor 11,24-28), respondendo àqueles que punham em causa o seu direito a usar o título de apóstolo, Paulo recorda os trabalhos, as prisões, todos os perigos e riscos que teve de enfrentar por causa do Evangelho.

A descrição que Paulo aí apresenta não desenha, nem de perto nem de longe, o quadro completo de tudo o que ele viveu, sofreu e arriscou; mas tem, em pano de fundo, a convicção profunda, a decisão irrevogável e a força impressionante de um homem que deu toda a sua vida à missão que recebeu e que não hesitou diante de nenhum risco a fim de levar Jesus ao encontro do mundo.

Um tesouro transportado em vasos de argila

O que move o "apóstolo das gentes" em todo este afã missionário, não são interesses humanos ou projectos pessoais (cf. 2 Cor 10,2), mas um mandato recebido de Deus. Paulo não se prega a si mesmo, mas a Cristo Jesus. É para levar Cristo Jesus ao encontro dos homens e mulheres de todas as raças que Paulo se fez servo de todos (cf. 2 Cor 4,5).

(Continua na pág. 3)

14.º Domingo do Tempo Comum – Ano A

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura: Zac. 9, 9-10

2.ª leitura: Rom. 8, 9.11-13

Evangelho: Mt. 11, 25-30

- A verdadeira alegria -

Num tempo em que a alegria se confunde com umas horas passadas, seja por que preço for, num local de diversão em que o som atinge o máximo de decibéis permitido, os ritmos são os mais frenéticos possíveis e os foliões se encharcam em álcool e drogas, a Palavra do Senhor deste domingo oferece-nos, em alternativa, uma alegria perene e serena, onde as manifestações de júbilo não cansam, não arruinam, nem deixam um sabor amargo na boca e um enorme vazio no coração.

A alegria, para a qual Deus nos convida, não assenta em critérios de fama, de riqueza ou de poder, mas na força, serena, humilde e pacífica, que nos vem da certeza de sermos amados por Deus, um Deus que se apresenta “montado num jumentinho”.

Mas, apesar desta aparência de fragilidade, Ele “destruirá os carros de combate” e quebrará “o arco de guerra”, pois o seu Espírito foi capaz de ressuscitar “Cristo Jesus de entre os mortos” e dará “vida nova aos nossos corpos mortais”.

É a sintonia com este jeito de ser e de agir do nosso Deus que leva Jesus a, num estremecimento de comoção, irromper no louvor que o texto do evangelho de hoje regista. S. Lucas, por sua vez, relaciona-o directamente com a experiência missionária feita pelos Apóstolos e discípulos e a quem, no regresso, Jesus diz: “Eu vi Satanás cair do céu como um relâmpago... Felizes os olhos que vêem o que vós vedes”.

Perante a tirania dos ricos e poderosos, perante o império dos sentidos a que hoje estamos sujeitos, é neste convite de Cristo “vinde a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos”, que nós podemos encontrar a paz e a verdadeira alegria, pois reconhecemos que o seu “jugo” é o único que não oprime nem esmaga e que a sua carga é leve.

Sabendo nós isto, porque é que persistimos em tentar saciar a nossa sede de alegria, bebendo em águas paradas e poluídas, quando temos à nossa disposição a água límpida, fresca e cristalina que Cristo nos oferece?

Neste Ano Paulino, acolhamos com entusiasmo o convite que o Apóstolo nos faz: “Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos!” (Fil. 4,4).

P. José de Castro Oliveira

Uma porta para o Evangelho

Por: António Rego

O Evangelho nunca entrou, onde quer que fosse, apenas com o tesouro das palavras. Sempre delas precisou para compor a grande Palavra, o Verbo, que desde o princípio estava em Deus e era Deus. Mas logo a seguir acontecia a grande viagem: encarnar e habitar no meio de nós. E assim se estabelece o elo entre o Infinito e o finito, entre Deus e o homem. E assim foi no princípio e pelo tempo fora. Palavra, acto e gesto como que se fizeram um só nesta aproximação de Deus e na habitação com os homens. Em Jesus se reforçou o gesto e o símbolo. A palavra aliou-se à caridade como sendo um só. E o pão foi servido à mesa de Deus e do homem, do corpo e da alma. Desde o início que evangelizar foi dizer que Jesus é o Pão da vida que mata a fome para a vida eterna. Exemplo disso foi a multidão faminta sentada na relva que sentiu saciada a sua fome e entendeu que outras fomes havia a saciar.

A história da missão é a partilha fraterna deste pão eucarístico, na celebração do mistério envolto na partilha do pão da Palavra e das palavras, na mesa de cada lar, na escola de cada comunidade, na urgência de cada hospital, no ensino dos pequenos gestos que constroem e vida das famílias e da sociedade. E na aprendizagem da justiça de Jesus que nunca deixa para o fim os que mais carecem de amor e de pão. Foi esta a glória da Igreja missionária. Longe, nos Continentes abandonados, e aqui, nas cidades, periferias e aldeias mais esquecidas dos poderes. E os gestos de acolher em creches, jardins-de-infância, escolas vocacionadas na atenção a cada um, centros de dia, lares de abandonados pela idade ou doença. A Igreja, com a entrega de tantos voluntários, serviços apoiados pelas comunidades, criou uma escola de caridade onde se aprendeu num compêndio único – o Evangelho – a palavra e a partilha.

Novos tempos se vivem. O Estado cada vez mais ocupa estes espaços e copia este estilo. Que mal há nisso? Nenhum. Se, com isso, não pretender transformar o serviço em poder. Quando na realidade dum dever se trata. Que não sirva para roubar missão e afecto.

Paulo de Tarso

Na abertura do Ano Paulino, um olhar sobre uma figura fundamental para a afirmação do Cristianismo

(Continuação)

Diante daqueles que põem em causa a validade do seu ministério, Paulo reconhece que é um homem frágil, marcado pela debilidade da condição humana; mas isso não impede que ele tenha sido escolhido para "embaixador" de Deus (2 Cor 5,20) ou "ministro da Nova Aliança" (2 Cor 3,6).

"Trazemos – diz ele – este tesouro em vasos de argila, para que se veja que este extraordinário poder é de Deus e não é nosso" (2 Cor 4,7). Assim, aconteça o que acontecer e sejam quais foram as oposições que tiver de enfrentar, ele não pode desistir do seu ministério.

As tribulações, as fadigas, as incompreensões, os sofrimentos físicos suportados pelo caminho não são, para Paulo, um obstáculo intransponível; mas são, até, um modo de ele se identificar, cada vez mais, com esse Cristo cujo projecto se concretizou na "loucura da cruz", no dom total de si, e que Paulo, apesar dos seus limites bem humanos, foi chamado a levar a todas as gentes.

Pe. Joaquim Garrido Mendes, SCJ